



## O ENCANTAMENTO PELO AMOR NA SOCIOLOGIA E PSICANÁLISE: 'A MORTE EM VENEZA'

Palavras- Chave: amor, vida, beleza

Autores(as):

VICTÓRIA RODRIGUES PAES NASCIMENTO, FE-UNICAMP

Prof(a).Dr(a). ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO (orientador), FE-UNICAMP

---

### INTRODUÇÃO/ METODOLOGIA:

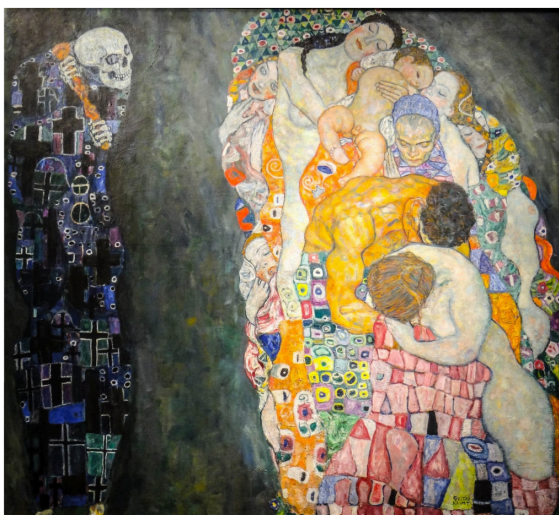


Figura 1: 'Death and Life' (1908-1915)  
- Gustav Klimt

<https://www.travelrealizations.com/death-and-life-famous-painting-gustav-klimt-leopold-museum/>

Neste projeto de iniciação científica que serve como instrumento de iniciação do estudante de graduação na prática acadêmica de pesquisa no campo da Sociologia da Educação, objetiva construir uma análise sobre o pensamento sociológico e psicanalítico acerca do amor e suas concepções. Em um diálogo transdisciplinar entre a sociologia de Max Weber e a psicanálise de Sigmund Freud busca-se discutir tanto a esfera erótica weberiana quanto a psicologia do amor freudiana, analisando o conto Morte em

Veneza, de Thomas Mann. O método de pesquisa utilizado é de Erich Auerbach e Antônio Cândido.

Tomando como eixo a cartografia sentimental de Suely Rolnik, que enquanto método constrói paisagens sentimentais que encontraram forma na obra *Death and Life* de Gustav Klimt.

A pintura não é apenas um recurso decorativo, mas sim um elemento que transdisciplinarmente junto com as outras bibliografias, leitura do livro e análise do quadro constituem-se em caminhos cartógrafos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES:**

Em um estado de uma viagem inédita dentro de si, que não há expressão, mas sim um “estado do vivente” como diz Suely Rolnik em um corpo e expressão em estados e pulsações internas que lhe habitam, produzindo um estranhamento, como algo alheio a si, externo, desconforto e mal estar de uma desestruturação de seu mundo externo, pois a autoimagem está sendo reconfigurada, em um momento de desestabilização, tensão entre um mundo que não lhe cabe mais e algo ainda não estruturado é um momento de crise. A forma de ganhar um corpo para construção de sentido e significado está nas máscaras de cada personagem apresentado na narrativa, mas que por mais específicos em suas características e significados que possuam, estes fazem parte de um mesmo quadro interno, são representantes de facetas de um mesmo personagem, por isso a importância de relacionar a obra literária *A morte em Veneza* com a obra de Klimt *Death and Life* é necessária, na pintura pode-se relacionar e traçar um paralelo entre essas duas artes, onde as facetas de um personagem são expressas por máscaras internas subjetivas diferente de acordo com a fase que ela representa.

Toda a obra se trata de uma viagem imersiva do personagem dentro de si, Veneza e seus canais não é a cidade mas sim sua mente e seus canais de sentimento turvos e desconhecidos até para si mesmo. A obra em si é simbólica, Aschenbach olha para uma das faces da vida e se encanta ao mesmo tempo em que não a enxerga em sua totalidade, sua corte e Tadzio são uma unidade, como expressado na obra *morte e vida* de Gustav Klimt. Aschenbach se encantou por

uma das faces, manifestada na forma de um jovem menino que talvez tivesse quatorze anos, mas que pelas atividades que praticava na praia, brincando, correndo, construindo castelos de areia com amigos pode ser mais novo, a morte se enamorou pelo rosto infantil da vida. Seu encontro com a vida foi de tal modo arrebatador que o fez ter o impulso de abandonar tudo em fuga, contudo se conteve, voltando para continuar sua jornada.

Em um momento derradeiro do livro, Aschenbach observa Tazio na praia que tem um desentendimento com um colega, entram em um embate físico, este que o atacou é mais velho que Tazio, até então durante a obra sempre demonstrou carinho e apego ao amigo. Contudo agora o ataca ferozmente, Aschenbach narra a cena, o personagem denominado “ Jaschu” irritado pela areia que lhe tinham jogado no rosto, força Tazio a uma luta, ao qual o mais novo e belo perde para Jaschu, contudo este não o solta, a antiga amizade, mas também podemos chama-la de servidão voluntária dá lugar ao ódio repentino, mas também brutal, para o leitor durante a narrativa da cena, vai dando a impressão de uma violência crescente que possivelmente estava já se encaminhando a um assassinato violento.

Tazio não morreu, contudo foi metaforicamente assassinado, podemos analisar que a face um pouco mais velha da vida ataca brutalmente sua versão juvenil, com ódio pela sua antiga versão e da dor por tê-la afastado, caminhando para a maturidade.

A maturidade completa, vivificada por Aschenbach só olha e assiste aflito, ansioso, raivoso, mas também passivo, quando Jaschu decide soltar seu oponente isso não ocorreu pela intervenção de Aschenbach. Jaschu para por si, se arrepende chama Tazio para perto de si, mas a ruptura de laços não pode mais ser desfeita. Esta cena narrada é para Aschenbach uma lembrança de um processo ao qual anos atrás, ele enquanto Jaschu, afastou Tazio de si.

Tazio não é morto pela violência de Jaschu, também não se afoga no mar, Tazio não é resgatado ou socorrido. Aquele com quem mais se temeu um ataque violento a Tazio nunca nem encostou os dedos em um único fio de seus loiros cabelos. O ataque veio de seu companheiro mais próximo e devotado. Aschench faz menções emocionais de intervir, mas fica inerte na observação, seu ódio a Jaschu no início parece ser por ciúmes que este tem pela proximidade ao qual Jaschu tem

com Tadzio, podendo desfrutar de seus risos, brincadeiras, toque e companhia, porém no final do livro percebemos que a raiva é por Jaschu ser o responsável de afastar a fase juvenil de Aschembach para dar lugar ao protagonismo de sua versão mais adulta, que no decorrer das fases o levará à Aschembach, que a todo custo tenta resgatar Tadzio, o perseguindo de todas as formas, mas que por mais que tente, por mais cercado que a vida se encontre, este não consegue tocá-la. Agora velho, doente, mesclando sua face com a da ceifadora morte, este é resgatado por Tadzio.

Que o olha a distância, o reconhece e lhe saúda o salvando de uma das suas máscaras mais letais que é a morte. Com todo esse processo concluído Aschenbach renasce, não novamente na fase infantil, mas resolvido dentro de seus processos internos, saindo dessa imersão um novo modo de existência, sexualidade, uma obra de arte etc...pois agora ele tem condições de voltar ao mundo externo, essa volta simboliza o sacramento, união do mundo dualístico até então existente. Vida, morte, criança e velho fazem parte de um mesmo conjunto. Um conjunto humano, um sujeito que viaja a Veneza- o interior mental- para se descobrir, se entender e amar a si mesmo em um processo de reintegração.

## **CONCLUSÃO:**

No decorrer do drama nos é apresentado um personagem com pouca pulsão de vida, perdido dentro de si, confuso, adoentado. E partimos com ele em busca dessa Vida interior, de sua pulsão, seu amor, seu Tadzio.

Viagem interna e profunda, buscando com ânsia a necessidade de se reconectar com a condição de ser vivo, antes de Tadzio temos um personagem desconectado de si e sua pulsão, recalcado em sua condição de vivente. Essa viagem é uma busca de contato com sua pulsação para que em âmbitos sociais e mentais ele possa encarar uma de suas máscaras ao qual ele mais se enoja que é a do falso jovem, cada personagem que o autor nos narra durante a viagem de Aschenbach são na verdade facetas do próprio personagem Aschenbach.

Quando finalmente encontra sua pulsão e é também reconhecido por ela, este 'morre', mas na verdade o que morre é uma das máscaras ao qual carrega no

início. Tazio Vive. A morte não toca em Tazio, mas durante toda a perseguição de Aschenbach por Tazio, o que estava acontecendo já era um movimento de assimilação, podendo relacionar com o antropofagismo.

## **BIBLIOGRAFIA:**

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CANDIDO, Antônio. **Na sala de aula: caderno de análise literária**. Série fundamentos. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

Freud: (1910). **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens** (contribuições para psicologia do amor I). Rio de Janeiro: Imago, 1996.; (1912). **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor** (contribuições para psicologia do amor II). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Klimt, Gustav. **Death and Life**. 1908-1915.

MANN, Thomas. **A morte em Veneza**. Tradução de Maria Deling. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Rolnik, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS: Sulina, 2014.

Weber, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1982.